

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591

Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR
V. 13 - N.º 2 (julho-dezembro - 2016)

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE JOSÉ DE ALENCAR EM LÍNGUA FRANCESA (1858-1902)

Valéria Cristina Bezerra¹

RESUMO: José de Alencar, apresentado nas histórias literárias como um dos principais nomes do chamado romantismo brasileiro, contou com uma projeção além das fronteiras nacionais, sendo traduzido em diferentes idiomas e publicado em diversos lugares, como Itália, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, ainda no século XIX. Na França, país de difícil entrada para as obras dos escritores estrangeiros, dada a sua condição de potência cultural na época, as traduções dos romances de Alencar foram parcialmente publicadas em periódicos a partir de meados do século XIX. Apenas em 1899, uma obra de sua autoria teve publicação integral em língua francesa: *O Guarani*, sob o título *Les aventuriers ou Le Guarani*, versão que foi posteriormente editada em livro, em 1902. O destaque de Alencar na literatura brasileira e a presença de suas obras no exterior parecem ter estimulado a sua recepção crítica na imprensa de língua francesa. Este trabalho tem como objetivo analisar a recepção crítica de Alencar publicada em idioma francês entre os anos de 1858 e 1902, buscando identificar os critérios de avaliação empregados pelos críticos e o *status* desse escritor entre os letrados francófonos.

PALAVRAS-CHAVE: José de Alencar; recepção crítica; tradução.

RÉSUMÉ: José de Alencar, présenté dans les histoires littéraires comme l'un des principaux écrivains du romantisme brésilien, s'est bénéficié d'une projection à l'étranger, à travers les traductions publiées au XIX^e siècle en plusieurs langues dans des différents pays, comme l'Italie, Allemagne, Angleterre et États-Unis. En France, pays résistent à l'entrée des œuvres des écrivains étrangers, étant donné sa condition de puissance culturelle à l'époque, les traductions des romans de Alencar ont été partiellement publiées dans des périodiques depuis la deuxième moitié du XIX^e siècle. Mais ce n'est qu'en 1899 qu'une œuvre sortie de sa plume a été intégralement publiée en langue française, *O Guarani*, sous le titre *Les aventuriers ou Le Guarani*, version apparue en livre en 1902. La notoriété de Alencar dans la littérature brésilienne et la présence de ses ouvrages à l'étranger ont apparemment suscité sa réception critique dans la presse de langue française. Ce travail a pour but d'analyser la réception critique de Alencar en langue française dans les années 1858 et 1902, afin d'identifier les critères d'évaluation adoptés par les critiques francophones et le statut de cet écrivain d'après eux.

MOTS-CLÉS: José de Alencar; réception critique ; traduction.

José de Alencar alcançou grande repercussão crítica na imprensa brasileira de seu tempo, que publicou uma vasta quantidade de artigos e notas sobre o escritor e suas obras, sejam eles laudativos ou depreciativos. A partir de 1865, com a publicação de *Iracema*, Alencar obteve maior notoriedade, reiterada por sua contratação em 1870 pela principal casa de edição da época, a livraria B. L. Garnier, e pelas reedições de suas obras. Tal destaque no país parece ter favorecido o interesse pelo escritor no exterior, o que ocasionou traduções de suas obras. Já no ano de 1864, seu romance *O Guarani* saiu em idioma italiano, versão que

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Vinculada ao projeto de cooperação internacional "A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX", coordenado por Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier. Pesquisa realizada durante estágio em Paris com recursos do programa BEPE-FAPESP. E-mail: valcrisbr@gmail.com

inspirou a composição da famosa ópera de Carlos Gomes, de grande sucesso na Europa. A partir desse período, seus romances tiveram ainda tradução em alemão, inglês e francês, estimulando a recepção crítica de Alencar no exterior.² Na França, houve uma tentativa de tradução de *O Guarani* ainda em 1863, no jornal *Le Brésil*, editada por brasileiros, mas apenas alguns capítulos apareceram, por conta da interrupção das atividades desse periódico. Em 1885, o jornal bilíngue *Chronica Franco-Brazileira* também tentou levar a tradução de *O Guarani* aos leitores franceses, mas, assim como *Le Brésil*, cessou suas atividades após a veiculação de apenas 12 capítulos do romance. Em 1899, *O Guarani* finalmente apareceu integralmente, no folhetim do jornal *Les droits de l'homme*, com o título *Les aventuriers ou Le Guarani*, em tradução de Xavier de Ricard. Essa mesma versão teve publicação em livro pela livraria Tallandier em 1902, com novo título, *Le fils du soleil* (HEINEBERG, 2015). Em 1907, *Iracema* também teve veiculação em folhetins no jornal *Action Républicaine*, traduzida por Philéas Lebesgue. A par dessas traduções, houve a difusão de notas e informações sobre o escritor em periódicos, livros, enciclopédias e dicionários de língua francesa, que buscaram informar ao leitor estrangeiro o papel de Alencar no âmbito das letras do Brasil e expressaram juízos de valor quanto à sua produção.

José de Alencar chamou a atenção de jornalistas franceses já nas suas primeiras polêmicas. No final da década de 1850, a *Revue des Races Latines* contava com um correspondente no Rio de Janeiro, Altève Aumont, que, durante sua permanência na cidade, fundou dois periódicos, o *Amérique du Sud* e o *Écho du Brésil*, e colaborou ainda com o *Courrier de Rio de Janeiro* (WAGNEUR; CESTOR, 2012, p. 1369). Em um de seus artigos à *Revue des Races Latines*, datada de 8 de julho de 1858, confessou o seu desejo de escrever sobre o teatro brasileiro, mas lamentava sua incapacidade de levar adiante tal análise por suas limitações quanto ao idioma português, apenas declarando que: “uma peça de um jovem jornalista brasileiro, senhor J. M. de Alencar, redator do *Diário*, foi proibida pela polícia, em sua terceira representação, sob acusação de imoralidade. Essa peça, intitulada as *Asas de um anjo*, é uma espécie de contrapartida da *Dama das camélias*” (AUMONT, 1858, p. 240, tradução nossa).³ A forma como a notícia foi apresentada deixa entrever a sua aproximação

² Em tese de doutorado, analiso a circulação e recepção de José de Alencar em países da Europa e nos Estados Unidos durante o século XIX.

³ “[...] une pièce d'un jeune journaliste brésilien, M. J. M. de Alencar, rédacteur en chef du *Diário*, a été interdite par la police, à sa troisième représentation, sous prévention d'immoralité. Cette pièce, intitulée *les Ailes d'un ange*, est une sorte de contrepartie de *la Dame aux camélias*”. Todas as demais traduções de citações usadas neste trabalho são de nossa autoria.

com o contexto do leitor, conhecedor das formas de censura preventiva e mesmo repressiva empregadas à época na França pela “polícia dos teatros” com relação às peças (KRAKOVITCH, 2010). O fato de um país jovem como o Brasil contar não apenas com manifestações artísticas próprias como também com polêmicas semelhantes às noticiadas sobre o teatro parisiense talvez pudesse chamar a atenção dos leitores da revista.

Os estrangeiros que viveram no Rio de Janeiro durante os anos de atuação de Alencar puderam testemunhar o destaque que o escritor ia delineando através do sucesso de suas obras, do caráter prolífico de sua produção e das polêmicas em que se envolvia. Assim como Altève Aumont, Adèle Toussaint-Samson foi uma francesa que viveu no Brasil, entre as décadas de 1850 e 1860, quando escreveu o seu relato *Une parisienne au Brésil*, no qual, ao tecer comentários sobre o dia a dia da corte, emitiu pareceres acerca do meio literário. A respeito de Alencar, declara:

Um dos melhores romances da literatura brasileira é aquele que tem por título *O Guarani*, de Alencar, do qual me proponho a oferecer uma tradução, qualquer dia desses, ao público parisiense. É uma pintura fiel da vida do indígena, que é, ao mesmo tempo, poética e verdadeira. Eu traduzi ainda do “brasileiro” uma pequena novela intitulada *Cinco Minutos*, à qual não falta originalidade; ela é também produto da pena de Alencar, cujo talento é incontestável (TOUSSAINT-SAMSON, 1883, p. 202).⁴

As traduções mencionadas por Toussaint-Samson não chegaram a ser publicadas. Ela e Aumont, portanto, puderam colher informações concernentes à literatura brasileira e a Alencar *in loco*. Já os que buscavam dados sobre as letras do Brasil à distância contavam com fontes que repetiam as mesmas apreciações ou com informantes que filtravam os dados. Ferdinand Wolf, por exemplo, fez três breves menções a Alencar em seu *Le Brésil littéraire* (1863). Na primeira, elogiando a *Confederação dos Tamoios*, sustentou, em nota de rodapé, através de citação de Francisco da Silva, o sucesso do poema entre críticos e literatos, acrescentando:

Sabemos bem que a crítica indígena não foi unânime. Veja por exemplo as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios por I. G.* (J. de Alencar) [...]. Mas esses críticos são ou inspirados por uma animosidade individual e

⁴ “Un de leurs (sic) [de la littérature brésilienne] meilleurs romans est celui qui a pour titre le *Guarany*, par Alencar (sic), et dont je me propose d’offrir une traduction, un de ces jours, au public parisien. C’est une peinture fidèle de la vie de l’Indien, qui est, en même temps, poétique et vraie. J’ai traduit aussi du brésilien une petite nouvelle appelée *Cinco Minutos*, qui ne manque pas d’originalité ; elle est due aussi à la plume d’Alencar, dont le talent est incontestable”.

parcial, ou se limitam a destacar alguns pequenos detalhes (WOLF, 1863, p. 149).⁵

É possível que Wolf tenha tido acesso às *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, pois menciona um dos argumentos da crítica de Alencar contra o poema: a falta de destaque à mulher e ao sentimento amoroso. Citando a passagem do poema em que o personagem Aimbire aguardaria a maturidade de Iguaçu para reclamar seus direitos de esposo, Wolf reprova, em seguida, o julgamento de Alencar: “Em vez de fazer ao autor uma censura, como o fez Alencar, de que o amor do herói é frio e acessório, nós reconhecemos uma qualidade digna dos maiores louvores” (WOLF, 1863, p. 163).⁶ É provável que Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre – informantes de Wolf de acordo com prefácio, com quem o historiador contava para o acesso a algumas obras e trabalhos sobre a literatura brasileira – tenham lhe enviado um exemplar das *Cartas*, repetindo um procedimento adotado durante a polêmica, quando defensores do poema partilharam o teor das críticas com letrados de prestígio, a fim de obterem sua intervenção em favor da obra de Magalhães (CASTELLO, 1953).

Já as composições literárias de Alencar não chegaram ao conhecimento de Wolf. Ao tratar dos romances brasileiros, Wolf cita em grande medida aqueles anteriores à década de 1850, julgando-os grosseiros, de intrigas complicadas, com tendência ao misterioso e ao melodramático. Raros seriam, segundo suas palavras, os que detinham a qualidade de romances como os de Macedo e mesmo de Teixeira e Souza. Em seguida, complementa: “Apenas o *Guarani* parece fazer exceção, mas ele não chegou a nossas mãos” (WOLF, 1863, p. 240).⁷ Tendo como informantes Magalhães e Porto-Alegre, depois da polêmica em torno das *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios* (1856), não é difícil concluir quais foram as razões que fizeram com que Wolf não tivesse acesso aos materiais sobre Alencar, uma vez que esse escritor já contava à época com romances e peças de sucesso. Essas obras podem ter sido negligenciadas por esses letrados.

Dois anos depois da publicação de *Le Brésil littéraire*, que se constituiu com a principal referência para a consulta no exterior sobre a literatura do Brasil, a *Revue*

⁵ “Nous savons du reste fort bien que la critique indigène n’a pas été tout à fait unanime. V. p. ex. les *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios* por I. G. (J. d’Alencar) [...]. Mais ces critiques sont ou bien inspirées par une animosité individuelle et partielle, ou bien se bornent à relever quelques petits détails”.

⁶ “Au lieu de faire à l’auteur comme M. d’Alencar un reproche de ce que l’amour de son héros est si froid et si accessoire, nous reconnaissons là-dedans une qualité digne des plus grandes louanges”.

⁷ “Seul le *Guarany* d’Alencar fait peut-être exception, mais il ne nous est pas parvenu”.

Contemporaine publicou um ensaio de caráter bem mais atualizado. Não se sabe a que fontes seu autor, E. Delaplace, recorreu e que contatos manteve com os literatos brasileiros, mas, ao contrário de Wolf, concedeu um bom espaço ao gênero romance e ao nome de José de Alencar. Seus dados o levam ainda a algumas conclusões diferentes das defendidas por esse historiador. Para Delaplace, o romance brasileiro não conteria profusão de intrigas e surpresas inverossímeis. Porém, não iria além da narrativa voltada para a cor local, por meio do exotismo e indianismo, conforme a expectativa estrangeira em relação a um romance ambientado no Novo Mundo, visto que o imaginário europeu esperava da literatura brasileira a representação de cenários edênicos e raças primitivas (BRZOZOWSKI, 2001). A cor local seria o elemento diferenciador da literatura nacional do Brasil e, nessa perspectiva, “a vida nômade e guerreira das tribos do [rio] Amazonas e do [rio] Paraíba deu ao Brasil o seu melhor romancista” (DELAPLACE, 1865, p. 513).⁸ José de Alencar se destacava, ao ver de Delaplace, como o melhor romancista brasileiro justamente por manejar fatores constituidores da natureza brasileira. O crítico define *O Guarani* como um “quadro animado dos costumes e das superstições indígenas e das lutas intermináveis entre a raça conquistada e a raça conquistadora” (DELAPLACE, 1865, p. 514).⁹

A edição de *O Guarani* de que Delaplace fez uso, segundo informado em nota de rodapé, foi publicada por B. L. Garnier em Paris, fator que evidencia que os livros impressos por esse editor na capital francesa não se limitavam a serem comercializados no Brasil, muitos tendo provavelmente ficado por lá entre leitores estrangeiros que tivessem algum conhecimento da língua portuguesa. Todas as obras de Alencar mencionadas por Delaplace tiveram impressão em 1864 e 1865 pela Rançon et Cie., em parceria com a livraria Durand, por meio de encomenda de Garnier, que adotou o procedimento em razão da qualidade das impressões francesas, como mostra estudo de Lucia Granja (2013).

Delaplace revela não apenas ter tido acesso a *O Guarani* como também tê-lo lido, pois apresenta ao leitor detalhes do enredo, situando ainda o espaço em que ocorre a narrativa através de descrições da natureza que circunda o cenário, aspecto que a seu ver enfatizaria o valor da obra. Delaplace conclui sua apreciação do romance por meio da seguinte interpretação do desfecho: “Peri salva Cecília do incêndio da sesmaria, mas ele sucumbe com

⁸ “[...] la vie nomade et guerrière des tribus de l’Amazone et du Parahyba a donné au Brésil son meilleur romancier”.

⁹ “[...] tableau animé des mœurs et des superstitions indigènes et des luttes interminables entre la race conquise et la race conquérante”.

ela em uma terrível tempestade, contra a qual sua coragem é impotente. Antes de morrer, ele se converte ao Deus daquela que ele tanto amou” (DELAPLACE, 1865, p. 515).¹⁰ Por fim, ainda que considere *Cinco Minutos* e *A Viuvinha* “dois agradáveis romances” (DELAPLACE, 1865, p. 515), não chega a descrevê-los, deixando o leitor estrangeiro certamente a imaginar que se tratam de mais duas histórias de florestas e índios, dada a falta de esclarecimentos a respeito da dimensão da produção literária brasileira e dos costumes do país.

A atuação política de Alencar também chamou a atenção de jornalistas franceses. Em 1868, o *Mémorial Diplomatique* informou sobre a composição do Gabinete de 1868, liderado por Visconde de Itaboraí, mencionando seus principais integrantes. Com relação a José de Alencar, que assumia nessa ocasião a pasta da Justiça, o autor do artigo P. Boutet resumia seu *status* literário no Brasil nestes termos: “ele ocupa [...] o primeiro patamar na literatura brasileira; publicou romances e dramas de grande mérito” (BOUTET, 1868, p. 580).¹¹

Em 1871, o *Dictionnaire général des lettres*, organizado por Bachelet, ofereceu um verbete sobre a literatura brasileira (o qual supomos ser de autoria de Delaplace), no qual colocava o nome de Alencar em posição de destaque para a literatura do país:

O romance, que normalmente floresce na maturidade e mais frequentemente no declínio das literaturas, foi cultivado no Brasil desde os primeiros anos do renascimento. Mas não se constata nem profusão de aventuras, nem intrigas sabiamente conduzidas, nem análises delicadas do coração humano: o romance reconstituiu os costumes das tribos indígenas. Assim como os ribeirinhos de Delaware e do Mississippi tiveram seu pintor em Cooper, as povoações do [rio] Amazonas e do [rio] Paraíba inspiraram Alencar para o seu romance *O Guarani* (BACHELET, 1871, p. 1804).¹²

Se aproximarmos essa avaliação saída no dicionário de Bachelet das palavras mencionadas por E. Delaplace expressas em seu ensaio sobre a literatura brasileira, citadas logo acima, poderemos supor que saíram da mesma pena, tal a semelhança. A tendência para a cor local de caráter exótico se constata nas duas ocasiões, sem que seja distinguida a variedade das obras de Alencar, as quais, como sabemos, não se resumem aos romances indígenas, contemplando uma diversidade de temas e cenários.

¹⁰ “Il [Peri] arrache Cecilia à l’incendie de la *sesmaria*, mais il périt avec elle dans un ouragan terrible, contre lequel son courage est impuissant. Avant de mourir, il se convertit au Dieu de celle qu’il a tant aimée”.

¹¹ “il occupe en même temps le premier rang dans la littérature brésilienne; il a publié des nouvelles et des drames d’un grand mérite”.

¹² “Le roman, qui ne fleurit d’ordinaire que dans la maturité et plus souvent au déclin des littératures, a été cultivé au Brésil dès les premières années de la renaissance. Mais on n’y rencontre ni aventures multipliées, ni intrigues savamment conduites, ni analyses délicates du cœur humain : il a retracé les mœurs des tribus indigènes. De même que les riverains de la Delaware et du Mississippi ont eu leur peintre dans Cooper, les peuplades de l’Amazonie et du Parahyba ont inspiré Alencar pour son roman du *Guarany*”.

Até mesmo os silêncios sobre Alencar na recepção crítica da literatura brasileira em língua francesa são bastante reveladores. E.-V.- C. de Contreras publicou no jornal *Le Réveil* em 1876 um texto intitulado “Essai sur la littérature brésilienne”. O autor inicia seu ensaio rememorando episódios de sua infância na escola, quando os alunos, ao final da aula, abandonavam os seus estudos latinos e corriam para as narrativas de aventura ambientadas na América, através de romances como *Le dernier des mohicans*, de Fenimore Cooper, ou *Le coureur des bois*, de Gabriel Ferry. A passagem, além de demonstrar que histórias de aventuras tinham espaço garantido entre os adolescentes, abre margem para a acolhida bem-sucedida de um romance como *O Guarani*:

Depois de Fenimore Cooper e Haller, as obras mais recentes de Washington Irving, Mayne-Reid, Louis de Bellemare (Gabriel Ferry), Gustave Aymard nos fazem conhecer os costumes dessa parte do novo mundo que se estende da Guiana no São Lourenço. Separado das colônias de Cayenne pelo Oiapoque e a cordilheira Jucumaque, o Brasil ainda não encontrou o seu Cooper; apesar dos trabalhos de Biard, conhecemos somente as costas da terra de Cabral e temos noções imprecisas e imperfeitas sobre a etnologia do jovem império (CONTRERAS, 1876, p. 114).¹³

Ao contrário de Delaplace, para quem Alencar seria o Cooper brasileiro, Contreras julga que a produção brasileira não havia explorado ainda esse viés narrativo. O nome de Alencar não foi mencionado em seu ensaio, de onde se conclui que não tinha conhecimento de suas obras. Mas, a julgar pelas características dos romances indianistas e históricos de Alencar e as expectativas esboçadas por Contreras, é provável que essas obras teriam sido muito bem acolhidas pelo crítico. De qualquer forma, delineia-se, em meio ao gosto francês, um terreno bastante propício para a tradução e publicação de um romance como *O Guarani*.

Após a sua morte, Alencar ganhou espaço nos dicionários e enciclopédias franceses através de verbetes dedicados ao escritor. O *Grand Dictionnaire Universel* (1867-1888) oferece uma entrada sobre Alencar, na qual afirma que a sua atuação literária teve mais destaque que a política, acrescentando: “enquanto escritor, tornou-se o chefe da nova escola brasileira” (LAROUSSE, 1890, p. 138).¹⁴ O verbete enfatiza ainda o sucesso de Alencar no Brasil e em alguns países da Europa: “A maior parte de suas obras tiveram merecido sucesso,

¹³ “Après Fenimore Cooper et Haller, les œuvres les plus récentes de Washington Irving, Mayne-Reid, Louis de Bellemare (Gabriel Ferry), Gustave Aymard, nous ont fait connaître les mœurs de cette partie du nouveau monde qui s’étend de la Guyane au Saint-Laurent. Séparé des établissements de Cayenne par l’Oyapock et la chaîne Jucumaque, le Brésil n’a pas encore trouvé son Cooper; aussi, malgré les derniers travaux de Biard, on ne connaît guère que les côtes de la terre de Cabral, et l’on n’a que des notions indécises et imparfaites sur l’ethnologie du jeune empire”.

¹⁴ “Comme écrivain, il était devenu le chef de la nouvelle école brésilienne”.

pois elas são notáveis pela beleza das descrições da natureza tropical e pela naturalidade e intensidade da vida dos personagens. Mais apreciado entre todos, *O Guarani* foi traduzido em inglês, alemão e italiano” (LAROUSSE, 1890, p. 138).¹⁵ Enquanto a nota sobre Alencar o situa com esse destaque, o verbete sobre a literatura brasileira do mesmo dicionário e no mesmo volume sequer o menciona, o que torna instigante o apagamento do escritor da visão de conjunto da literatura brasileira, embora ele particularmente detivesse a atenção da crítica estrangeira.

A *Grande Encyclopédie* (1885-1902) também oferece um verbete sobre José de Alencar. Redigido por Gustave Pawlowski, assim como os demais, situa o escritor em posição prestigiada no Brasil: “Alencar está no primeiro patamar dos literatos contemporâneos de seu país” (PAWLOWSKI, 1885-1902, p. 79).¹⁶ O autor dá notícias da carreira do escritor, da polêmica em torno das *Cartas sobre A Confederação dos Tamoios* e do sucesso de suas peças. Da mesma forma que o *Grand Dictionnaire Universel*, atenta para a difusão de *O Guarani* pela Europa e reprisa os critérios de avaliação da crítica estrangeira expostos até aqui, os quais levam em conta o teor exótico das composições de Alencar:

Seu título de glória é o de ter sido o verdadeiro criador do romance nacional no Brasil. Ele tomou seus temas principalmente da vida indígena, das velhas lendas locais, das tradições orais dos povos indígenas, filão do qual ele foi um dos primeiros a tirar proveito, envolvendo suas criações por uma forma apreciável. Ninguém soube desenhar em prosa com tamanho entusiasmo poético as paisagens dessas regiões, nem fazer um indígena falar uma língua tão colorida e grandiosa. Ele é o Fenimore Cooper do Brasil. Seu romance mais famoso é *O Guarani*, traduzido em inglês, em alemão e em italiano. Sua lenda dedicada à *Iracema*, “a virgem dos lábios de mel”, foi saudada, apesar dos ataques virulentos, como um verdadeiro evento literário, que abria expectativas desconhecidas (PAWLOWSKI, 1885-1902, p. 79).¹⁷

Pawlowski cita todos os seus principais romances, mas não chega a esclarecer quanto ao seu conteúdo e variedade. No entanto, no verbete sobre o Brasil, da mesma enciclopédia,

¹⁵ “La plupart de ces ouvrages ont eu un succès mérité, car ils sont remarquables par la beauté des descriptions de la nature tropicale, le naturel et intensité de vie des personnages. Le mieux venu de tous, *O Guarany* a été traduit en anglais, en allemand et en italien”.

¹⁶ “Alencar est au premier rang des littérateurs contemporains de son pays”.

¹⁷ “Mais son titre de gloire est d’avoir été le véritable créateur du roman national au Brésil. Il emprunte ses sujets principalement à la vie indienne, aux vieilles légendes locales, aux traditions orales des peuples indigènes, mine qu’il fut un des premiers à mettre à profit, et il enveloppa ses créations dans une forme exquise. Nul ne sut peindre en prose avec autant d’enthousiasme poétique les paysages de ces contrées, ni faire parler à l’Indien une langue plus colorée et plus imposante. Il est le Fenimore Cooper du Brésil. Son roman le plus célèbre est *O Guarany* (Rio de Janeiro, 1857), trad[uit] en angl[ais], en allem[and] et en ital[ien]. Sa légende consacrée à *Iracema*, ‘la vierge à la bouche de miel’, fut saluée, malgré des virulentes attaques, comme un véritable événement littéraire, qui ouvrait des perspectives inconnues”.

quando se informa sobre a literatura do país, surge um dado novo, não apenas por destacar o nome de Alencar em um texto que referencia a produção brasileira como um todo – fato observável até então apenas nos escritos de Delaplace –, mas também por atentar para a diversidade de temas de seus romances:

José de Alencar se vincula, pelo seu romance *O Guarani* e por seu poema em prosa *Iracema*, à escola do indianismo; mas ele logo a abandonou e, adquirindo uma grande reputação como romancista, jornalista e orador político, escreveu novos romances, uns de história, no quais ele tenta reconstituir a vida colonial, outros de caracteres, nos quais ele mostra os Brasileiros tais quais eles são (PRADO, 1885-1902, p. 1112).¹⁸

A surpresa se interrompe quando lemos o nome que assina o verbete, Eduardo Prado, que, enquanto brasileiro, não passava pelo filtro do gosto e dos critérios de avaliação correntes entre os críticos estrangeiros. De qualquer forma, esse verbete constituía-se em uma fonte de consulta no exterior que sugere uma visão mais ampla das obras de Alencar.

Outros brasileiros difundiram no idioma francês apreciações sobre a literatura brasileira e José de Alencar. Sant-Anna Nery, no livro *Le Brésil en 1889*, coloca Macedo e Alencar como os principais representantes do romance brasileiro, destacando que, dentre os dois, o legado de Alencar teria contribuído mais efetivamente para o desenvolvimento do gênero no país. Menciona ainda a ópera de Carlos Gomes, baseada no romance (NERY, 1889, p. 599), alusão que é pela primeira vez detectada na recepção crítica de Alencar na imprensa francesa. O sucesso da ópera poderia levar a crer no estímulo da publicidade em torno de *O Guarani* e do nome de seu autor, José de Alencar, na França; no entanto, em todas as notícias a que tivemos acesso nos periódicos musicais e teatrais franceses entre os anos de 1870 e 1900, como *La Comédie*, *Le Ménestrel* e *Le Monde Artiste*, nos quais a ópera foi bastante comentada, não há qualquer menção a Alencar e ao romance que inspirou a ópera. Apenas o nome de Carlos Gomes recebeu os méritos dos críticos, que se referem a ele como “o autor de *Il Guarany*”. Identificamos uma única informação a respeito de sua representação em Paris, ocorrida no Palácio do Trocadero, como parte da programação da Exposição Universal de 1878 (TAUNAY, 1923, p. 107-109).

Em 1897, outro brasileiro, Leopoldo de Freitas, teve um ensaio publicado na *Revue des Revues* sobre a literatura brasileira. Freitas fez elogios a Alencar e apontou como seu

¹⁸ “José de Alencar (1829-1877) se rattache par son roman *O Guarany* et par son poème en prose *Iracema* à l’école de l’indianisme ; mais il l’a bientôt abandonnée, et, s’étant fait une grande réputation comme romancier, journaliste et orateur politique, il écrivit de nouveaux romans, les uns d’histoire, dans lesquels il essaie de reconstituer la vie coloniale, les autres de caractère, dans lesquels il montre les Brésiliens tels qu’ils sont”.

principal mérito ter emancipado a literatura brasileira das origens portuguesas. Apesar de destacar que o indianismo foi o seu principal instrumento no despertar da literatura nacional, indica a diversidade de sua obra (FREITAS, 1897, p. 410). Em 1901, Figueiredo Pimentel, que por esse tempo assinava a seção fixa “Lettres Brésiliennes” do *Mercure de France*, informava que à época Alencar permanecia sendo o romancista mais popular do Brasil. Mencionou ainda a tradução francesa de *O Guarani*, publicada havia dois anos no jornal *Les droits de l’homme*, e de *Inocência* (PIMENTEL, 1901, p. 561), romance de visconde de Taunay que já contava com duas versões francesas (HEINEBERG, 2016).

Em 1902, ano da publicação em livro da tradução de *O Guarani*, sob o título *Le fils du soleil*, na coleção “Bibliothèque des grandes aventures”, a recepção crítica de José de Alencar recebeu novo fôlego. O tradutor Xavier de Ricard escreveu para a edição um prefácio em forma de carta, dirigida a Rémy Couzinet, a quem chama de amigo. Nela, reclama a necessidade não apenas de se conhecerem outras culturas mas também de assimilá-las, chamando a atenção para que houvesse um equilíbrio nessa relação. Daí, justifica a importância da tradução do romance, mas relativizando bastante a de seu autor:

Este romance – e seu autor – nos oferecem uma das provas mais espantosas de nossa apática e sistemática indiferença em relação ao que nos deveria ser menos estranho. Não costumo ceder à habitual mania dos tradutores de exagerar o valor e os méritos da obra que traduzem. José de Alencar tem certamente um lugar marcado e em patamar de honra na literatura brasileira. Mas ele não é um desses gênios indispensáveis cuja ausência causaria lacuna na história intelectual da humanidade (RICARD, 1902, p. v-vi).¹⁹

Ricard informa sobre o papel de Alencar na formação da literatura brasileira, salientando o seu esforço em conciliar o que chama de raça conquistada com a raça conquistadora, fator, segundo seus argumentos, motivado por um intento de Alencar de legitimar a conquista portuguesa. O tradutor apresenta dados da biografia do escritor e da diversidade de suas funções. Tendo vivido no Brasil, certamente Ricard pôde ter acesso a informações sobre a literatura brasileira que lhe viabilizassem um conhecimento um pouco mais aprofundado (BATALHA, 2009). No entanto, seu julgamento do conjunto da produção de Alencar em nada destoa da crítica francesa, conforme se lê na seguinte passagem: “acho inútil apresentar a lista completa de suas obras, que são – como disse – com poucas exceções,

¹⁹ “Ce roman – et son auteur – nous offrent une des preuves les plus saisissantes de notre apathique et systématique indifférence à l’égard de ce qui nous devrait être le moins étranger. Je ne crois pas céder à l’habituelle manie des traducteurs de s’exagérer la valeur et les mérites de l’œuvre qu’ils traduisent. José de Alencar a certainement une place marquée et à un rang fort honorable dans la littérature brésilienne. Mais il n’est pas un de ces génies indispensables dont l’absence ferait lacune dans l’histoire intellectuelle de l’humanité”.

lendas, contos e relatos da vida indígena” (RICARD, 1902, p. vii).²⁰ Ricard informa ainda sobre o sucesso da ópera adaptada do romance e destaca as traduções que *O Guarani* recebeu em outros idiomas, dado este que não é perdido de vista pela recepção desse romance.

A *Nouvelle Revue*, em sua seção “Les livres”, que trata das recentes publicações, oferece a seguinte nota sobre o romance:

JOSÉ DE ALENCAR. *Le Fils du Soleil ou le Guarani*, traduzido do português por XAVIER DE RICARD (J. Tallandier). – Traduzido em italiano, em alemão, em inglês, este romance de um dos mais ilustres escritores de língua portuguesa usufrui no exterior de uma voga igual à dos mais populares romances de Alexandre Dumas e de Fenimore Cooper, devida a uma ação verdadeiramente apaixonante, que desencadeia suas peripécias dramáticas nos cenários pitorescos e esplêndidos da natureza tropical. Tal interesse se deve também, e principalmente talvez, à extraordinária variedade dos caracteres dos principais personagens e dos comparsas que se movem em torno desse núcleo, do qual se sobressaem as duas inesquecíveis figuras, a adorável crioula Ceci e seu fiel e heroico indígena, o guarani Peri, *Le Fils du Soleil* [O filho do sol] (*La Nouvelle Revue*, 1902, p. 431).²¹

De caráter publicitário, o texto apresenta alguns índices que buscam chamar a atenção do público para a obra, como o prestígio do escritor e o seu sucesso no exterior. A primeira informação oferecida diz respeito justamente às traduções, as quais validariam a importância para o leitor francês de conhecer a obra, visto que leitores italianos, alemães e ingleses já a conheciam. Não podemos deixar de destacar a curiosa menção à Cecília enquanto crioula, já que na história original a personagem não se distingue em nada de uma europeia, com seus cabelos loiros e olhos azuis. Uma moça com essas características certamente não integrava o imaginário francês sobre os habitantes do Novo Mundo. O crítico se equivoca, talvez por não ter lido o romance, pois na sua tradução Ricard manteve a descrição física de Cecília de acordo com o romance original.

O objetivo publicitário da nota fica patente quando se identifica a publicação do mesmo texto em periódico distinto, *Le Temps*, veiculado na seção “Librairie” em 5 de

²⁰ “ [...] je trouve inutile de donner la liste complète de ses œuvres, qui sont toutes – comme je l’ai dit, - à très peu d’exceptions près, des légendes, des contes, des récits de la vie indienne”.

²¹ “JOSÉ DE ALENCAR. *Le Fils du Soleil ou le Guarani*, traduit du portugais par XAVIER DE RICARD (J. Tallandier). – Traduit en italien, en allemand, en anglais, ce roman d’un des plus illustres écrivains de langue portugaise, jouit à l’étranger d’une vogue égale à celle des plus populaires romans d’Alexandre Dumas et de Fenimore Cooper : il la doit à une action vraiment passionnante, qui déroule ses péripéties dramatiques dans les décors pittoresques et splendides de la nature tropicale. Il la doit aussi, et surtout peut-être, à l’extraordinaire variété des caractères des principaux personnages et comparses, qui s’agitent autour d’eux et sur lesquels se détachent les deux figures inoubliables de l’adorable créole Cécily et de son fidèle et héroïque indien, le guarani Pery, *Le Fils du Soleil*”.

novembro de 1902. Quinze dias depois, esse mesmo jornal publicou, na seção “Livres Nouveaux”, uma nota mais extensa, que apelava àqueles leitores adultos que desejavam distração entre as atividades cotidianas, recomendando sua leitura ainda a jovens e crianças, principal faixa de leitores à qual a coleção “Bibliothèque des grandes aventures”, da livraria Tallandier, se destinava. A nota associa o nome de Alencar ao de escritores populares como Alexandre Dumas e Fenimore Cooper, situando-o como “o grande contista da América”. Em seguida, destaca o sucesso de *O Guarani* em outros países europeus, questionando-se do atraso com que chegou à França:

Muito popular em todos os países de língua portuguesa, o *Fils du Soleil* – ou o *Guarani* – encontrou o mesmo sucesso em todas as traduções que foram feitas, em italiano, em alemão e em inglês. Era realmente surpreendente que o romance de Alencar não tivesse contado ainda com seu tradutor francês [...] (*Le Temps*, 1902, p. 3).²²

Verificando o percurso da recepção crítica de Alencar em língua francesa, identificamos que a tradução de um romance como *O Guarani* atendeu a uma expectativa comum dos críticos estrangeiros, que entendiam ser a literatura do Novo Mundo uma produção voltada para a natureza e o exotismo, com elementos como o indígena, a paisagem exuberante, as lendas. Alencar buscou mostrar igualmente o aspecto urbano da vida brasileira, por meio de romances como *Lucíola*, *Senhora*, dentre outros, mas, pelo que se lê na crítica francesa, quadros de costumes desse tipo, entendidos pelos literatos brasileiros da época como também representativos do espírito nacional, pareciam inexpressivos do ponto de vista europeu na composição de um repertório literário legitimamente brasileiro. Além disso, esses romances teriam pouco atrativo para leitores já habituados a obras francesas que contemplavam esse mesmo tipo de temática.

Os letrados brasileiros que escreveram críticas em língua francesa acenaram de maneira breve para a diversidade das produções de Alencar, mas parecem ter compreendido quais aspectos interessariam aos leitores estrangeiros, explorando o viés pitoresco das composições desse escritor, cuja melhor expressão seria *O Guarani*, obra bastante mencionada no empenho desses críticos de divulgar as letras brasileiras, pelo teor exótico do romance e também por sua circulação através de traduções em diversos países, aspecto este

²² “Très populaire dans tous les pays de langue portugaise, le *Fils du Soleil* – ou le *Guarani* – a retrouvé le même succès dans toutes les traductions qui en ont été faites, en italien, en allemand et en anglais. Il était vraiment étonnant que le roman d’Alencar n’eût pas encore son traducteur français [...]”.

que, como se viu, teve bastante relevância na apreciação de Alencar pelos críticos estrangeiros.

Se, por um lado, na avaliação que fez dos romances de Alencar, a crítica francesa simplificou a noção de literatura brasileira, por outro validou o prestígio desse escritor e o desenvolvimento da produção literária do Brasil, parecer que, vindo desse âmbito tido como central no julgamento literário e cultural da época, era considerado importante pelos letrados brasileiros interessados na busca pelo fortalecimento e reconhecimento da tradição literária do país.

Conhecedor das técnicas narrativas apreciadas nesse tempo, com a ascensão do romance no gosto popular, já no início de sua carreira, Alencar fez com que *O Guarani* encarnasse valores de sucesso na Europa, mas apropriando-os de forma a aclimatá-los numa intenção nacionalista. Essa mistura acabou indo ao encontro das expectativas não só de brasileiros, familiares à leitura dos romances importados, como também de estrangeiros, resultando na boa avaliação desse escritor no exterior e na sua difusão internacional.

REFERÊNCIAS

- BACHELET, M. Th. (Dir.). *Dictionnaire Général des Lettres, des Beaux-Arts et des sciences morales et politiques*. Supplément à la deuxième édition. Paris : Ch. Delagrave et Cie, libraires-éditeurs, 1871.
- BATALHA, Claudio H.M. Um socialista diante da escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o jornal *Le Sud-Américain*. In VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de. *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 161-174.
- BOUTET, P. Le nouveau cabinet brésilien. In *Le Mémorial Diplomatique*, n. 36, 3 sept. 1868, p. 579-580.
- BRÉSIL. In *Le Mémorial Diplomatique*, n. 8, 24 fev. 1870, p. 121-122.
- BRZOZOWSKI, Jerzy. *Rêve Exotique*. Images du Brésil dans la littérature française (1822-1888). Cracovie [Kraków]: Abrys, 2001.
- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASTELLO, José Aderaldo (Org). *A polêmica sobre A Confederação dos Tamoios*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – seção de publicações, 1953.
- CONTRERAS, E.-V.- C. de. Essai sur la littérature brésilienne. In *Le Réveil*, 1 jan. 1876, p. 114-116.
- DEPLACE, M. E. La littérature brésilienne. In *Revue Contemporaine*, t. 48, 1865, p. 497-518.
- FREITAS, Leopoldo de. La littérature brésilienne. In *Revue des Revues*, vol. 23. 1897, p. 408-415.
- GRANJA, Lucia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. In *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, jul./dez. 2013, p. 81-95.

HEINEBERG, Ilana. Peri com sotaque francês: um estudo preliminar de três traduções de *O Guarani* no século XIX. In PELOGGIO, Marcelo; VASCONCELOS, Arlene Fernandes; BEZERRA, Valéria Cristina (Orgs.) *José de Alencar: século XXI*. Fortaleza: Edições UFC, 2015, p. 241-265.

HEINEBERG, Ilana. Um Brasil para francês ler: das traduções do *Guarany* e de *Innocencia* ao exotismo dos romances de Adrien Delpech. In ABREU, Márcia. *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789 - 1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016, no prelo.

JOURNAL GÉNÉRALE DE L'IMPRIMERIE ET DE LA LIBRAIRIE, t. IX. Paris. Au cercle de l'imprimerie, de la librairie et de la papeterie, 1865.

JOURNAL GÉNÉRALE DE L'IMPRIMERIE ET DE LA LIBRAIRIE, t. VIII. Paris : Au cercle de l'imprimerie, de la librairie et de la papeterie, 1864.

KRAKOVITCH, Odile. La censure dramatique, de l'ordre impérial à l'indifférence. In YON, Jean-Claude (Dir.). *Les spectacles sous le Second Empire*. Paris : Armand Colin, 2010.

LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire Universel du XIXe siècle* (Deuxième supplément), t. 17. Paris : Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1890.

LES LIVRES. In *La Nouvelle Revue*, nov./dez. 1902, p. 431.

LIVRES NOUVEAUX. In *Le Temps*, 20 nov. 1902, p. 3.

NERY, Sant'Anna. *Le Brésil en 1889*. Paris: Librairie Charles Delagrave, 1889.

PAWLOWSKI, Gustave. Alencar (José Martiniano de). In *La Grande Encyclopédie: inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts*, t. 2. Paris: H. Lamirault et Cie, éditeurs, 1885-1902, p. 79.

PIMENTEL, Figueiredo. "Lettres Brésiliennes". In *Mercure de France*, t. 38, avril-juin 1901, p. 561-567.

PRADO, Eduardo. Brésil : langue et littérature. In *La Grande Encyclopédie: inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts*, t. 7. Paris: H. Lamirault et Cie, éditeurs, 1885-1902, p. 1110-1112.

RICARD, Xavier de. À Rémy Couzinet. In ALENCAR, José de. *Le fils du soleil, les aventuriers ou le Guarani*. Paris : Librairie Illustrée, J. Tallandier, éditeur, 1902, p. v-viii.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Reminiscências*. São Paulo; Caieiras; Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923.

WAGNEUR, Jean-Didier ; CESTOR, François. *Les Bohèmes (1840-1870)*. Écrivains-journalistes-artistes. Seyssel : Éditions Champ Vallon, 2012.

WOLF, Ferdinand. *Le Brésil littéraire*. Histoire de la Littérature Brésilienne. Berlin: A. Asher & Co., 1863.

Artigo recebido em março de 2016.

Artigo aceito em julho de 2016.